# A lenda do ouro

## (ESTUDO ETHNOLOGICO-HISTORICO)

Na historia conhecem se poucas influencias que tivessem fascinado tanto a humanidade como a quasi irresistivel attracção, que tem exercido o ouro. Tão imperiosa e geral é esta propensão que os que souberam conservar-se-lhe indifferentes, são considerados como entes superiores.

O Eldorado recuava dos audazes aventureiros da conquista sem ser jamais attingido por elles, de forma que chegaram a exclamar: «L'or c'est une chimère». Um seculo mais tarde se desenvolveu um movimento quasi identico, posto que em escala menor, mas não menos tenaz, na bacia do rio Uruguay.

Apezar de repetidas desillusões os enthusiastas do magico metal não conseguiram convencer-se do improficuo dos seus esforços. Uns estão sempre a sonhar com projectos auriferos, outros a affirmar que ha thesouros escondidos em logares já tantas vezes devassados, repetindo lendas e mythos. Ao lado destes apparecem outros que, sempre inventando novas provas de mentiras antigas, publica ou occultamente approveitam essa disposição do vulgo, para o convencerem de que os missionarios daquella epoca colonial occultam e exploram minas de ouro.

Essas correntezas parallelas da dita tendencia são o assumpto deste estudo, que por sua natureza se divide em duas partes assás diversas, mas não menos estreitamente ligadas. A primeira é uma resenha historico-descriptiva de lendas e mythos populares; a segunda é uma rigorosa

refutação de imputações repisadas com uma perseverança de allucinados; uma explica a outra; ambas se completam e mostram ao mesmo tempo como a ethnologia pode auxiliar os estudos historicos.

## I

Varios e numerosos são os depositos de thesouros escondidos ou imaginarios cuja existencia é tenazmente inculcada pelo vulgo da America do Sul. Os mais celebres são as cavernas encantadas, conhecidas pelo nome de *salamancas*.

### As salamancas

Raro é o cerro penhascoso e escarpado, diz Granada, desde a cordilheira dos Andes até os valles do Uruguay, Paraná e Paraguay, o qual não tenha sua *salamanca* ou caverna encantada encerrando em suas entranhas consideraveis riquezas do ouro e prata. Originou-se este nome da cidade de Salamanca onde existiu, segundo affirmam autores fidedignos, uma escola de magia que se attribue á influencia dos Mouros na peninsula iberica. «Estas cuevas encontradas llevan el nombre de *salamanca* en todo el Rio de la Plata, lo proprio que en Rio Grande del Sur del Brasil. Cavernas profundas é impenetrables, socavadas por las aguas é formadas por accidentes terrestres, infunden terror y espanto á quien osa dar alguns pasos hacia el interior de ellas. El apagar de las luces que lleva en la mano el receloso explorador (que ignora los efectos del ácido carbonico depositado naturalmente en la caverna), le sorprende y acobarda. Añádase á esto el *intensisimo frio* (miedo) *que hiela y los voces y golpes* que el curioso siente á sus espaldas al retirar-se, como si le fuesen persiguiendo para matarlo é prenderlo y hundirlo en un abismo; y se tendrá corrido el velo que oculta tanto misterio en la cueva; Dichoso, empero, quien, siendo bastante osado para internarse en ella, mereciere aprender las muchas cosas que alli se enseñan, asi en materia de ciencias, como en las artes y habilidades que hacen

más y más apetecible y facil la vida! De alli han salido encantadores y adivinos, hombres de fortuna, guerreros siempre vencedores, politicos eminentes, musicos e poetas sublimes, químicos y mecanicos maravillosos, mujeres que hechizaron por seus encantos. Muchas de las *simpathias* (para curar), que se conocen, alli fueron aprendidas. Alli se satisfacen hasta las pretenciones más triviales. A' este le proporcionan los medios ó le dan el secreto: á este otro los de ganar á los naipes ó á otro juego: á aquel otro los de tocar bien la guitarra ó no errar un tiro. Todo está en tener coraje y meterse dentro de la salamanca: quien se atreve á ello, de seguro sale con alguna virtude». Até aqui D. Granada, (1) de cuja autoridade me valerei por vezes nesta parte.

Os nossos visinhos do Rio da Prata referem a sorte, as riquezas, as victorias e as esplendorosas façanhas do famoso caudilho riograndense, Bento Manoel, que tanto se celebrisou na Guerra dos Farrapos, ás consultas que suppõem pediu em uma destas salamancas, provavelmente naquella, dizem, que ha no serro do larão (2) (larán) no alto Quaray, por onde passa a linha divisoria entre a Republica do Brasil e a do Uruguay. O dito serro do larão acha-se um pouco ao N. da cidade do Quarahy neste Estado do Rio Grande do Sul. A salamanca que, segundo dizem, ha nesse serro é uma das mais celebradas (3) e rodeadas de attrahentes lendas. A seguinte circula nas margens do rio Uruguay.

Certo gaucho procurando um animal, que se perdera, foi surprehendido por um temporal em que errou o caminho Baldados todos os esforços de reencontral-o, finalmente largou ao cavallo as redeas para que o levasse aonde o conduzisse seu instincto. Caminhando, cami-

(1) Reseña hist.--descript. de antiguas e mod. supersticiones del Rio del Plata, p. 92.

(2) Vide Carta geographica do Estado do Rio Grande do Sul organizada por João Candido Jaques.

(3) No Rio Grande do Sul, escreve o dr. Nelson de Senna, existe o Serro de Jarán que expelle vapores "igneos" (Annuario de Minas Geraes, 1906).

nhando foi parar perto do cerro do Jarão, onde topou com um christão da cidade de S. Thomé o qual se deu por encantado. Este persuadiu o peregrino que o seguisse promettendo-lhe mundos e fundos e grandes thesouros que escondia a salamanca, que lhe servia de albergue. O desencaminhado riograndense, revestindo-se de todo o valor que poude, seguiu passo a passo o desconhecido.

Entraram em uma caverna que por labyrinthicas veredas conduziu-os a mansões resplandencentes, onde pedras preciosas e ouro derramados com profusão por toda a parte os não deixaram sahir de admiração e de pasmo. O desconhecido, ao despedir-se do visitante, deu-lhe uma onça (1) dizendo, que nunca lhe faltaria. Assim succedeu com effeito: ainda que repetidas vezes gastára a onça, outras tantas tornou a encontral-a na sua guayaca (2). Porem um facto tão extraordinario alfim começou a suscitar-lhe sinistras apprehensões, e um bello dia atirou fóra a onça, preferindo viver pobre do fructo de seu trabalho.

A entrada no interior da salamanca está em geral vedada aos mortaes. Para merecer este privilegio é necessario revestir-se de grande coragem e de não menor indifferença a quanto o rodeiar e fôr capaz de fazer impressão no aspirante que ainda deve dispôr de uma impassibilidade estoica Provas terriveis, ceremonias pomposas que lembram as Eleusinias ou aquellas que dizem que a maçonaria usa na recepção de seus candidatos, esperam o individuo que quer se iniciar nos mysterios de uma salamanca. Depois de passar por um labyrintho de cavidades e enredados corredores sem saber como nem quando, topa talvez com formidaveis tigres pelo meio dos quaes deve passar proseguindo seu caminho sem temor e sereno. Se fôr adiante, lá põem-no em manifesto perigo as reluzentes espadas de dois combatentes; porem passa por entre elles illeso. Afinal chega a uma espaçosa campina alcatifada de macia relva, sombreada de arvores

(1) *Onça*, moeda de ouro de valor superior a 30$000.

(2) *Guayaca*, bolso preso á cinta no qual o viajante guarda dinheiro e outros pequenos objeçtos.

frondosas, matizada de flores e plantas odoriferas, que encantadoras nymphas cultivam; a azulada abobada do céo é povoada com bandos de passaros que enlevam pela belleza de sua plumagem e pelas suavissimas melodias do seu canto. O aspirante, porem, deve ser tão indifferente a estes seductores attractivos como insensivel aos perigos e ás occurrencias as mais repulsivas.

Se uma vez só fraqueou sua constancia, perdidos são todos os sacrificios; ou se no livro dos destinos estava de antemão escripto seu fado, ao sahir da salamanca não sabe se será feliz ou desgraçado.

Depois de mencionar o fado vem a proposito uma advertencia. O mesmo que affirma Granado a respeito do destino, palavra que anda na bocca do argentino, tenho observado tambem na nossa campanha; a tradição arabica trazida pelos peninsulares ainda não tem abandonado a imaginação da gente sul-americana. Até aquelles que dizem que um facto succedeu por intervenção da vontade divina ou não parecem excluil-a, tem uma maneira de fallar do destino ineluctavel e necessario que se resente do fatalismo musulmano.

Ha diversas outras cavernas, cerros ou serras mysteriosas que tem origem individual e caracter e historia proprias. Mas os mais communs apresentam um typo geral no Rio da Prata e são aquelles que devem sua fama aos thesouros e minas que guardam, hospedando em seu escondido seio *A mãe do ouro*.

### A MÃE DO OURO

A tradição de nestes cerros se terem achado minas e thesouros excita no homem do campo a suspeita que encerram os meios de fazel-o sahir da sua pobreza. Offerecem-se a seus olhos, ouvidos e phantasia varios phenomenos que o maravilham: lampejos, estrondos, vozes, bramidos. Um ente sobrenatural, phantastico os informa ou vive nelles segundo sua convicção. São logares encantados.

Para o homem primitivo e o vulgo ignaro reunem

estes logares as condições proprias dos seres organizados. As pedras que servem de alicerces da serra ou montanha formam os ossos do monstro; a terra que os enche representa as fibras e carne; as veias metallicas equivalem a seus nervos e veias; as profundas cavernas são suas negras boccas. Possue tambem uma alma, *a mãe do ouro*. Por isso é que se observa que o monstro se enfurece e treme com furor, estremece com delirio, brame de ira e desafoga com estrepito o concentrado fogo de suas paixões, trovoando e relampagueando. Tambem Bartholomeu de las Casas conheceu a lenda da mãe do ouro.

Está ahi um cerro que se enfurece, dizem no Rio da Prata dos que relampagueam e trovoam e bramam quando alguem se approxima delles ou pretende extrahir-lhes os thesouros, que escondem em suas profundidades.

A mãe do ouro, que informa os metaes subterraneos, as vezes abandona um cerro para mudar-se para outro. Muitas vezes visinhos e não visinhos do cerro do Jarán observaram como sahiu deste e dirigiu-se até os tres cerros de la Cruz em Corrientes a mãe do ouro. Ha uns cincoenta annos, escreve Granado, que rebentou com grande estrepito um pequeno cerro dos muitos que contem o ondulado terreno do Uruguay. Qual teria sido a causa deste phenomeno? A mãe do ouro que se foi para o Brasil, em cuja direcção iam os lampejos que despedia e se dava o estampido. Quando o tempo se descompõe ou a meio dia, nos dias de muito calor, é a occasião em que se realisam os mencionados phenomenos. (1)

Advirto já aqui o leitor como temos nesta crença a explicação ethnologica da tenacidade com que o vulgo insiste na existencia de thesouros escondidos em certos logares mesmo depois de devassados.

---

(1) A mesma lenda da mãi do ouro corre entre o povo simples no Estado de S. Paulo, segundo me escreve o illustre collega e amigo Dr. Theod. Sampaio, que a ouviu varias vezes dos caipiras nas suas viagens de exploração para a triangulada da carta geographica daquelle Estado.

## Cerros bravos

Muitas vezes, escreve o P. Guevara na sua *historia do Rio de la Plata*, me quizeram persuadir os indigenas que não chegasse a tal cerro ou monte, porque era mui bravo e podia enfurecer-se. Ha diversos taes cerros bravos na bocca do Prata, entre elles o da Famatina e o do Tafi, este no Tucuman.

Daquelle sacavam os Incas, segundo a tradição, muitas riquezas de ouro e prata. Nas lavras das suas minas occupavam milhares de indios, e para sua defeza tinham construido varias fortalezas em que resistiram ao depois largos annos aos hespanhoes.

Vãos foram, porem, os esforços dos conquistadores; pois ainda que se apoderaram do cobiçado cerro de Famatina, não desfructaram suas riquezas: os magos, ao abandonal-o aos inimigos, o deixaram encantado. Desde então se divisam de longe faiscantes raios de ouro que aos raios do sol manifestam as opulencias de Famatina; porem aquelles que se approximam para buscal-as desapparecem ou levantam-se aterradores temporaes que fazem recuar tambem os mais ousados. (1)

Estes chamados bramidos e estrondos dos cerros não são mera preoccupação do vulgo. E' um facto e conhecem-se-lhe as causas simplesmente physicas; não são outras evidentemente que a explosão dos gases ou vapores d'agua encerrados nas cavidades das montanhas. Alexandre Humboldt viajando pelas margens do Orenoco ouvia dos habitantes, que encontrava, que a certas horas do dia sentiam sahirem dos cerros e montanhas ruidos e estampidos. Indagando o illustre naturalista se era ou não verdade, pôde convencer se que não se tratava de uma allucinação do vulgo, senão de um facto real.

Explica-o pela differença da temperatura entre o ar subterraneo e o exterior, sendo por ex. este muito baixo, o

(1) Hist. de la Conq. del Paraguay, Rio de la Plata, pelo P. T. Lozano, t. IV, p. 1. Duvida, porem, este autor da existencia dos thesouros.

interior, que conserva ainda seu alto gráo de calor, ha que sahir pelas fendas por vezes muito fundas e delgadas e produz estes estranhos ruidos.

### A CASA BRANCA

Outro supposto deposito de ouro era a casa branca sem portas nem janellas de *Mbororé*. A violenta expulsão dos jesuitas decretada por Carlos III deu amplo pasto á idéa fixa dum provavel achado de thesouros. Suppõe-se erradamente, diz Granado, «que os jesuitas escondessem, ao tempo da expulsão, grandes riquezas. Ignora o vulgo que os padres da Companhia nas missões foram surprendidos em suas camas e sem se permittir-lhes tomarem disposição alguma nem falarem com alguem nem sequer despedirem-se de seus neophitos, foram conduzidos a Montevideo e Buenos Aires, onde os embarcaram para Europa. De modo que, ainda que houvessem tido riquezas, não teriam podido escondel-as». (1) Quem correu as Sete Missões visitando suas ruinas, terá topado com excavações e poços cavados por taes que apezar de desenganados cem vezes nunca perderam a esperança de desencavar, se não um sacco de onças, ao menos alguma salva ou um castiçal de ouro massiço que os tire da pobreza.

Numa occasião de visitar as ruinas fiz involuntario e quasi perigoso conhecimento com um tal poço de ouro assaz profundo.

Tambem nos densos e extensos bosques do territorio missioneiro é que se encontra, segundo as imaginações tradicionaes, a casa branca sem porta nem janellas, onde os jesuitas expulsos encerravam riquissimos thesouros. Casa branca houve-a tambem no antigo Tucuman e Lozano a menciona na historia do famoso impostor Pedro Bohorques que fingiu nella a existencia de preciosidades que lá esconderam os Incas no tempo da conquista. (2)

---

(1) Reseña historica—descriptiva, cap. 12.
(2) Hist. da conquista del Paraguay, t. V. p. 3.

As riquezas dos jesuitas, que se suppõem escondidas na casa branca de Mbororé, nunca existiram. A mãe do ouro ou antes da fartura e bem-estar das Missões era a força productora do trabalho, applicado com methodo e esmero aos rebanhos de gado, ao beneficio da herva do Paraguay e á lavoura.

### Lagoas bravas

Não ha só cerros mas tambem lagoas que se chamam bravas, e que archiva a geographia. Todo logar bravo é rodeado de phenomenos igneos e estrondosos, produzidos por causas mysteriosas que o povo refere á acção de seres phantasticos, escondidos nestes logares. Como nos cerros encantados mora a mãe do ouro, assim nas lagoas, nos poços ou váos domina a *mãe da agua*. Quando um ser humano se approxima de uma destas lagoas, agitam-se irritadas suas aguas e ameaçam tragar os incautos. Do seu fundo se exhalam ais doridos ou soam aterradores alaridos.

Uma das mais famosas é a lagoa do Iberá em Corrientes da Republica Argentina. Lá tem sua vivenda uma cobra de dimensões monstruosas, que nos descreveram o allemão Schmidel, soldado de expedição rioplatense de Mendonça, e uns missionarios. Conta-se naquella região que depois da expulsão um padre jesuita ou um frade franciscano armado de umas disciplinas andava fazendo gestos como quem açoita ou espanta uma cousa e correndo os espaçosos campos de Missões e suas ricas estancias. Desde então logo começaram a desapparecer, internando-se na lagoa do Iberá para não serem mais rehavidas nem vistas jamais, as innumeras tropas de bois e cavallos, de mulas e ovelhas que povoavam as campinas missioneiras.

Outros suppõem que as ilhas da lagoa estejam habitadas por christãos procedentes das familias missioneiras que acompanhavam alguns jesuitas que, como pensam, tivessem logrado subtrahir-se á expulsão levada a effeito com tanto rigor. Quando o céo está limpo, enchergam

com os olhos da imaginação as torres de igrejas e nas noites serenas ouvem soar os sinos e murmurar sagradas melodias executadas por côros invisiveis.

O encanto desta lagoa como de outras e de cerros em geral anda ligado a episodios ou incidentes relativos á occultação ou perda de thesouros. Suppuzeram que, como na Hespanha os Mouros, assim na America do Sul os Incas e os jesuitas escondessem immensas riquezas guardadas logo por entes phantasticos. Assim paulatinamente tem-se formado uma especie de tradição, uma lenda do ouro a qual pisada e repisada pelos paes aos filhos, de descendencia em descendencia, produziu no correr do tempo uma predisposição no vulgo para acceitar todas as fabulas relativas a escondidos thesouros e para rejeitar as mais patentes e ineluctaveis provas em contrario. Cada pote, cada vasilha enterrada nos ditos logares deve conter ouro ou prata sem chegarem os allucinados a desenganar-se ; pois quando uma botija ou um jarro não fôr cheio do cubiçado metal, sahindo delle uma cobra ou encontrando-se nelle cinzas, então foi o demonio que fez esta metamorphose do ouro.

As lagoas, os cerros encantados e todos os depositos de thesouros escondidos na bacia do Prata têm seus guardas, que apparecem á imaginação popular sob formas diversas. Nos Andes ou regiões andinas ha especialmente sentinellas de fogo; onde ha fogo lá existe ouro. Ora são animaes que guardam os thesouros, ora homens. Estes particularmente são chamados *Salamanqueiros*, vivem entre pedras ou em cavernas e logares subterraneos e costumam apparecer nos cumes dos cerros em figura de negrinhos. Onde tal succede, existe seguramente uma salamanca ou minas e thesouros de ouro. Os salamanqueiros podem se comparar com os anões do norte da Europa, que repartem seus thesouros com parcimonia e castigam os que são exagerados nos seus pedidos. Esta economia, porem, na distribuição das preciosidades occultas está em frisante contraste com a munificencia dos salamanqueiros rioplatenses, que cedem tudo quanto lhes pedem. E como podia ser de outra forma? devem-se accommodar ao ge-

nio dos meridionaes. Assim eram os conquistadores, assim os seus filhos. Os netos destes já não eram obrigados a trabalhar e tinham perdido o habito do trabalho e viviam pobres. Seria esta a origem do proverbio: pae mercador, filho cavalheiro e «neto pordioseiro». (1)

### Mboitatá

Outro guarda mais popular é uma cobra de fogo, conhecida pelo nome indio boitatá que, apezar de muito pequena, pertence a familia dos *teynyaguá* das Missões e do carbunculo e do farol que alumia as regiões andinas. Percorre ainda hoje em dia as campinas do Brasil e do Rio da Prata mergulhando-se nas lagoas e escondendo-se entre as cochilhas. Segundo a crença vulgar converte-se em o *nhandú-tatá* ou avestruz de fogo nas regiões que banham o Paraná e o Uruguay. O avestruz de fogo sacudindo as azas no cume duma cochilha ou dum cerro accusa a existencia de um thesouro escondido ou de mina rica de ouro.

### Os zahoris

Ha outra classe desses thesoureiros, os chamados *zahoris*, que possuem a invejavel faculdade tão celebrada em nossos tempos dos raios de Röntgen, de penetrar com os olhos a mais densa obscuridade. Não ha paredes nem muralhas assás grossas que não passe sua vista penetrante.

Seu principal officio consiste em descobrir minas e thesouros escondidos. Dizem que dispõem deste raro privilegio as pessoas que nasceram numa sexta feira santa. Quem souber conquistar o favor das taes não pode demorar em descobrir ao menos um destes immensos thesouros, que enterraram os vassallos dos Incas e outros nestas terras sul-americanas.

Nos logares metalliferos das regiões andinas appare-

(1) Mendigo ou quem pede esmola dizendo : *por Deus*.

cia á imaginação dos indios um ser vivente que despedia da cabeça uma luz vivissima que muitos presumiam era o cubiçado *carbunculo* segundo refere o P. Techo. (1) Esta apparição, que chamam tambem farol, tem continuado a apresentar-se aos olhos dos que nelle reconhecem um indicio certo das muitas riquezas que a terra ainda occulta, ora em minas, ora em thesouros escondidos por mão de homem. Sem duvida é maneira estranha a de esconder um thesouro accendendo um farol. (2) Já antes de Techo occupou-se delle o arcediago Martinho del Basco Centenera, autor do poema historico—La Argentina—que viera ao Rio da Prata em 1573 na expedição do adelantado D. J. Ortiz de Zárate. Entre as cousas do novo mundo chamou-lhe a attenção o que ouvia dizer a respeito dum animalejo que trazia na cabeça uma pedra preciosa que scintillava como braza e de côr de rubim e era conhecido pelo nome de carbunculo. (3) Conta-nos que, depois de passar por muitos trabalhos para caçal-o, quando o ia segurar entre as mãos, escapou-se-lhe o maravilhoso saurio. A luz que despedia offuscava a vista e fazia desviar o perseguidor. Será por isso que os guaranis lhe deram o nome de *anhangpitang* ou diabo vermelho que não é outro que o teynyaguá (lagartixa) que mora na salamanca do cerro de Iarão acima descripto. Quando dalli sahiu a primeira vez, foi dado a olhos humanos contemplar maravilhados o peregrino esplendor, que o formoseia. Damos aqui a lenda que circumda este guarda de ouro.

Destruidas as reducções de Guayra e expulsos pelos mamelucos, estabeleceram-se os missionarios primeiro no centro do Rio Grande do Sul entre os rios Pardo e Iacu-

---

(1) Hist. Prov. Parag., Lib. V., cap. 22. Accrescenta este autor que semelhante animal nunca puderam apanhar nem vivo nem morto, porque por suas irradiações desvia os olhos e mãos dos perseguidores.

(2) Sam. Lafane Quevedo, Londres e Catamarca.

(3) "Y no lejos de aqui, por propios ojos
El Carbunclo animal veces he visto".

(Argentina, canto III).

hy. Mas só por poucos annos. Mais tarde, outra vez perseguidos e expulsos pelos mesmos refugiaram-se uns para as hodiernas Sete Missões, os outros para a margem direita do Uruguay encorporando-se á reducção de Santo Thomé de cujas ruinas se levantou depois a cidade do mesmo nome quasi em frente de S. Borja.

Um certo dia observou o sacristão da igreja de S. Thomé que as aguas de uma lagoa visinha ferviam em ruidosa ebulição como se fossem aquecidas por fogueira subterranea. Attrahido pelo phenomeno extraordinario foi vêr a lagoa; antes de chegar-lhe á margem sahiu, cessando o ferver das aguas, e encaminhou-se a seu encontro uma especie de lagartixa, cuja cabeça coberta de um involucro exquisito parecia de fogo e espargia raios de uma luz peregrina e deslumbrante. O sacristão de S. Thomé, mais feliz que Barco Centenera em caso identico, se apoderou do admiravel reptil o mettendo-o numa guampa (1) com agua levou-o para casa. Como sahira d'agua opinava que nesta tivesse uma vivenda e o tratava com o que o seu gosto imaginara o melhor, regalando-o com fino mel de lexiguana. (2) Occupado com as provisões que tinha ido buscar para seu hospede, abria-se-lhe á phantasia uma perspectiva de maré de rosas, pondo a seu alcance tudo quanto poderia desejar um simples mortal, sumptuosos palacios em Buenos Aires, ricas estancias no Uruguay e Rio Grande, excellentes hervas em Loreto que fornece o melhor mate e ainda minas de diamantes no Matto Grosso.

Abandonára-se a um soliloquio com enthusiasmo de poeta. E não era para menos; pois muitas vezes teria ouvido dizer que o conquistador Melgarejo soia lamentar que lhe tinha escapado das mãos um carbunculo não menos que Barco Centenera e outros; que assim teriam conseguido meios para prestar grandes serviços a seu rei. O sacristão de S. Thomé não era homem que tão alto le-

(1) *Guampa*, nome que dão ao chifre de boi mórmente quando preparado para servir de copo para beber agua em viagem.

(2) *Lexiguana*, abelha silvestre social.

vantasse o pensamento; para elle tornava-se este achado uma especie de idolo, que só satisfazia sua paixão na mera possessão de riquezas sem dar-lhes applicação util.

Já de volta da sua excursão ficou pasmado o sacristão quando ao entrar no seu quarto se achou em frente de uma mulher joven e encantadora, que lhe segredava brandas palavras de affecto.

—Se desejas, disse-lhe ella, o ouro, a prata, os diamantes e os rubis, segue-me; tornarei a entrar na guampa onde me collocaste e me levarás na tua mão aonde te encaminhar; alli terás riquissimos thesouros.

O sacristão, ainda que encantado do que ouvira, não correspondeu immediatamente á proposta da tentadora, seja que não tivesse sufficiente coragem para fugir, seja que lhe faltassem occasião propicia e os meios. Uma cousa está certo, não tardaram os padres da reducção de S. Thomé em notar no sacristão relaxamento no exercicio do seu cargo e no cumprimento de seus deveres e começaram a observar lhe os passos. O teynyaguá, que repetidas vezes se tinha transformado em impudica mulher feiticeira, desappareceu. O sacristão que outras tantas vezes dera passo errado foi preso e em seguida sentenciado. Porem quando queriam executar a sentença, um grande ruido e abalo, rojando a terra e fazendo tremer os edificios da povoação, consternou a todos os seus habitantes atemorisados com o fragor de gritos estranhos e formidaveis, que pareciam sahidos da bocca dum espirito infernal. Corria ao mesmo tempo o boato que, se castigassem o sacristão, se afundaria o povo de S. Thomé. Alfim, crescendo o tumulto e a angustia dos thomistas foi preciso renunciar ao castigo e dar liberdade ao processado. Dizem que o trajecto por onde se abriu a terra dando passagem ao teynyaguá, que acudira tão estrepitosamente em auxilio do preso sacristão, é ainda visivel em S. Thomé de cujos arrabaldes até a margem do Uruguay corre uma sanga, que os chinas (1) e indios missioneiros apontam como testemunho do successo.

(1) *China*, mulher de origem india.

O teynyaguá com sua pressa passando a nado o Uruguay esteve uns dias em S. Borja e logo seguiu até o cerro de Jarão. Ha cerca de duzentos annos que o teynyaguá encerrou no cerro do Jarão o sacristão de S. Thomé. Ainda hoje continúa são e salvo porem arrependido, e triste habita os immensos palacios maravilhosos da salamanca de Jarão. Rodeado das riquezas contempla-as impassivel sem desfructar as satisfações e regalos, que o mundo aos seus proporciona. (1)

Concluimos esta parte mencionando mais uma especie de guarda.

A alma de quem morreu, sem dar noticia do dinheiro que tinha escondido ou guardado em tal e tal logar, anda penando. As luzes azuladas que se observam de noite nos campos e em redor das povoações que volteam e afinal se desvanecem não são senão almas penadas. Só quando um christão descobrir o enterro (2) é que hão de cessar de apparecer e de penar. Ha quem ponha papel e lapis no sitio em que apparecem as luzes azuladas ou lá onde uma alma manifesta sua presença com golpes, lamentos ou outros ruidos afim de indicar por escripto o logar onde está escondido o thesouro. E' crença do povo que nas casas assim alarmadas existem thesouros escondidos ou um *enterro*. O desassocego cede logo que fôr descoberto, e satisfeito o desejo da alma penada.

Estudado assim o meio ethnico chegamos á conclusão que no povo do campo tem existido uma atmosphera de credulidade, que o dispõe a uma crença ferrenha na existencia de thesouros, a qual capitulamos pelo nome de lenda do ouro.

Mais. Que certos phenomenos naturaes postos pela phantasia popular em relação com a existencia de taes thesouros renovam e conservam esta crença. Em particular explicam a tenacidade com que affirmam esta existencia do ouro em lugares que ou por sua natureza ou por devassados excluem a sua presença.

---

(1) Reseña hist. descript., cp. 10.
(2) Thesouro escondido. (Rio Grande e Rep ublica Argentina).

Assim preparados os leitores mais facilmente nos acompanharão na segunda parte e comprehenderão o afinco e o aferro com que é repetida a lenda do ouro e da existencia de thesouros jesuiticos tantas vezes refutados.

## II

Sahindo do imaginoso e escuro terreno dos mythos e contos convido os leitores a uma excursão ás mais accessiveis planicies da realidade historica. Previno-os porem que se hão de encontrar ainda com a lenda, mas desta vez para ser determinada como herva má da mentira, que não pode ser consentida no templo da verdade.

### A retractação de Avila

Foi sob o governo de D Pedro Estevão de Avila e Henriques (1632—38) que se formou o boato de que os jesuitas occultavam no Alto-Uruguay opulentas minas de ouro e que não só contentes com enriquecerem-se a si mesmos enviavam muito ouro para paizes estrangeiros. O Conselho das Indias ligou tanta importancia a este boato que logo expediu ordem para que nas reducções não se tolerassem mais missionarios que não fossem de origem hespanhola.

Veiu dar grande força ao boato o testimunho de um indio. Contava elle que no paiz donde veiu possuiam os jesuitas ricas minas de ouro e falava com tanta convicção e coherencia que persuadiu muita gente. Chegou a affirmar que elle mesmo tinha trabalhado nas minas e que durante tres dias tinha achado tanto pó de ouro que bastava para encher um meio alqueire. Accrescentou que para defeza das minas tinham erguido fortalezas guarnecidas de gente com armas de fogo. Sua narração era circumstanciada, tão simples e ingenua a maneira com que respondia a todas as perguntas que até aquelles a que não merecia credito, começavam a duvidar. Deixou-se impressionar tambem o governador e informou o rei em sentido affirmativo.

Parece que esta especie de desacreditar os jesuitas surgiu então pela primeira vez. Foi tanto o empenho do governador em averiguar este caso que enviava um alcaide ordinario, sempre que saiam ou voltavam jangadas, para examinar as alfaias e ornamentos dos padres que chegavam das missões de S. Fé ou de Buenos Aires. Soffriam esta vexação com religiosa resignação sem que podessem os visitadores descobrir nem um só grão de ouro seja em poder dos indios, seja na bolsa dos missionarios, seja no mais escondido recanto das embarcações, sendo impossivel encontrar o que não havia nem jamais houve

Com estas e outras diligencias exquisitas sahiu emfim o governador do seu engano e adquiriu a formal certeza de que eram invenções dos inimigos dos jesuitas aquellas sonhadas minas de ouro. Conheceu agora que suas informações ao rei não tinham fundamento e declarou em um officio á Corte que eram falsas. Outrosim teve a coragem e a força moral de retractar-se publicamente confessando que o tinham enganado pessoas apaixonadas. D'ora em diante professava grande amizade aos missionarios da Companhia a cuja porta chegou para pedir-lhes perdão. (1)

Assim a propria autoridade encarregou-se de dissipar o trama urdido contra os missionarios.

Passados apenas dois lustros, emergiu de novo o boato do ouro do Uruguay. Desta vez occasionou uma

## Visita de D. Jacintho Lariz

áquella região. Tornavam turbulento o seu governo os litigios que sustentava com o prelado da igreja de Buenos Aires, a quem o seu prurido de metter-se em negocios ecclesiasticos obrigou a fulminar as censuras para conter-lhe o arrojo com que se arrogára o exorbitante direito de emittir decretos para que ninguem podesse doar á igreja ou ecclesiasticos bens de raiz, annulando taes doações.

Os jesuitas mereciam-lhe tanto desaffecto que se indignava e até insultava a quem se atrevia a pôr os pés no

(1) Lozano, Conquista, l. III, cap. 16.

collegio. Disse varias vezes que havia de fazer quanto mal podesse aos padres da companhia de Jesus, e peor era, diz Lozano, que as obras não desdiziam das palavras, executando-as em quantas occasiões se lhe offereciam.

Não se havendo por satisfeito com apartar os visinhos de nossa communicação e considerar inimigo a quem nos fizesse alguma boa obra, se esforçava por tornar suspeitos os jesuitas quanto á fidelidade ao rei. A's jangadas que baixavam ao porto para conduzir ás missões o necessario para seu sustento fazia tantas vexações que os missionarios se viam obrigados a privar-se daquelle recurso.

Aos tribunaes informava no sentido de desacreditar os jesuitas; em uma palavra, procedia em tudo como seu inimigo declarado.

Concebera este odio figadal aos jesuitas por não lhe approvarem os desmandos, mórmente os de ministro pouco fiel, sustentando relações secretas com os rebeldes de Portugal, admittindo os navios que vinham do Brasil e de Angola que com elle repartiam o lucro.

Voltando ao supradito boato do ouro: não é preciso advertir que era bemvinda ao governador não menos que uma carta de D. Cardenas em que este se referia ás minas como a um facto sobre que não pairava duvida.

Os delatores triumphavam, entre elles o indio de nome Boaventura, e D. Lariz resolveu ir pessoalmente ao Uruguay a ver por seus olhos o verdadeiro estado das cousas. Embarcou-se com uma escolta de cincoenta soldados, levando comsigo o indio e fazendo-se acompanhar de D. Martin de Vera, que passava por mineiro habil e mui experimentado.

A cousa ia tornando-se seria para o indio e ainda não tinham feito meio caminho quando desappareceu o homem. Lariz, fosse qual fosse sua opinião a respeito da veracidade do fugitivo, seguiu viagem e entrou sem ser sentido nas reducções até que se achou nellas, e sem communicar aos missionarios o fim de sua expedição começou a interrogar alguns neophitos recommendando-lhes silencio. Mas o P. Dias Tanho, superior destas missões, que bem lhe sabia o intento, o supplicou a continuar a viagem e visitar

todas as reducções, não em segredo mas publicamente; requereu tambem em nome do rei intimasse a D. Cardenas que este désse a prova da sua asserção na carta. Não pôde o governador recusar pedido tão justo e depois de despachado um proprio que levasse a D. Bernardino a intimação entrou no Paraguay, onde logo sentia grande agitação entre os neophitos cada vez que se apresentava em frente de seus soldados.

Indagando a razão disseram-lhe que os neophitos conheciam bem o projecto do bispo de Paraguay de expulsar os seus missionarios e vendo-o entrar com soldados não duvidavam que sua viagem não tinha outro fim senão dar execução áquelle projecto e que o padre que o acompanhava devia tomar posse de todas estas igrejas. Ponderarão-lhe que ninguem podia responsabilisar-se pelo que succedesse da parte dos indios que estavam convencidos que a mudança de seus missionarios não tinha outro motivo que o de prival-os da sua liberdade e si os não tranquillisassem promptamente quanto a este ponto, era inevitavel e certa a deserção das reducções.

Explicada assim a duvida do governador logo respondeu que estava longe de secundar os designios do bispo do Paraguay; e para dar-lhes a prova, incontinenti fez partir o seu capellão para Buenos Aires, sem permittir-lhe dizer missa em uma das reducções.

Foi quanto bastou para perderem os guaranis todo o receio; prestaram ao governador todas as honras devidas ao seu alto cargo e nenhum o impediu de proceder a todas as investigações, o fim principal da sua visita, antes proporcionando-lhe todas as commodidades e auxilios á sua disposição.

Começou a visita por declarar a seus soldados, que quem primeiro descobrisse uma mina ou obtivesse as desejadas noticias, seria promovido ao gráo de capitão, receberia o respectivo fardamento e uma gratificação de duzentos philippes.

Pode-se imaginar que a cincoenta soldados estimulados por taes promessas não escapasse o que tanto se procurava. Baldados todos os esforços afinal um se apresentou

com um indio o qual dizia que de menino sendo cinco annos foi levado a uma mina de ouro e se offereceu a conduzil-o lá, pois lembrava-se perfeitamente do logar. Immediatamente enviou o governador o mineiro D.Martinho acompanhado do indio e de uma escolta de soldados para proceder ao exame do ouro. Depois de uma viagem de alguns dias por caminhos quasi intransitaveis chegaram ao sitio indicado, mas nada acharam senão umas substancias brilhantes que uma criança podia tomar por metal.

Se ainda uma sombra de duvida pairasse sobre o caso, nasceria do desapparecimento do indio Boaventura. Os missionarios que se aperceberam que não faltava quem diria que elles o tivessem feito desapparecer, não pouparam diligencias até que o descobriram.

Levado á presença do governador, offereceu-lhe este grandes recompensas, se lhe revelasse as minas que promettera. Negou, porem, o indio redondamente que jamais tivesse feito tal promessa nem dito palavra a este respeito. Suspeitando o governador que o medo de offender os jesuitas tapasse a Boaventura a bocca, prometteu-lhe solemnemente sua alta protecção, tentando, porem, em vão todos os meios de persuasão. Mandou então empregar a tortura, recurso em que, naquella epoca, nenhum governo escrupulisava. Mas não poude arrancar-lhe mais que uma mentira, que nunca tinha falado em minas nem fortalezas, que devia ter estado ebrio.

«Embriaguez ou impostura, exclamou D. Lariz, ha de custar-te a vida!» e condemnou-o a ser enforcado, sentença que á intercessão dos padres converteu na de duzentos açoutes.

Esta foi a segunda vez que se examinou materia tão ruidosa.

Uma explicação do estranho proceder do indio Boaventura acha-se talvez nos seus antecedentes, que ainda não referi.

Recebera cuidadosa educação christã e estava de criado em um convento de Buenos Aires, quando um dia fugiu ás selvas para viver com uma tribu errante como si nunca tivesse tintura de christianismo. No correr das suas

aventuras veio a dar numa das reducções do Uruguay, onde se declarou christão e soube fazer o papel de hypocrita com tanta habilidade que adquiriu grande reputação de virtude e zelo das almas: mas quando menos suspeitavam, fugiu com uma mulher casada que seduzira. Perseguiram e aprezaram os fugitivos e Boaventura depois de açoutado na praça foi remettido a Buenos Aires. Lá declarou que os jesuitas o empregaram na lavra das suas minas e accrescentou que com outro indio combinára fugissem com o pó do ouro que podessem carregar, mas que seu companheiro o atraiçoou e que assim foi açoitado e expulso.

Os missionarios se lisongearam que uma calumnia, de que tão mal se sahiram seus autores, não lhes trouxesse mais outra consequencia de monta; mas era da natureza daquellas cujas primeiras impressões deixam vestigios que não podem mais ser apagados pelas justificações as mais authenticas.

Assim veremos produzirem mais ruido do que nunca, multiplicarem-se e extenderem-se os boatos das minas de ouro, apezar das retractações mais solemnes, apezar das declarações mais terminantes da sua nullidade, baseadas sobre indagações as mais exactas e minuciosas, e em seguida passarem de um ao outro hemispherio como factos averiguados e indiscutiveis dos quaes duvidar não é mais licito e incomprehensivel para muita genta como ainda se possa hesitar.

### Auto do ouro fingido

Tres a quatro annos depois da visita de D. Jacintho Lariz e ainda no seu governo levantou-se nova balela do ouro do Uruguay. Foi para mim uma surpresa encontral-a em documentos, que ha pouco ainda ineditos se tiraram das funduras dos archivos; explica-se assim o silencio dos antigos historiadores.

Desta vez não são indios boçaes que figuram como descobridores de minas de ouro, mas graves militares e um ecclesiastico de alta categoria, alferes, capitães e generaes do exercito.

Existe um «Auto sobre el oro fingido» de 10 de Janeiro de 1651, emittido de Assumpção pelo visitador general e governador do Paraguay, D. André de Leon Garabito, onde se vê e lê que os capitães Melchior Casco de Mendoza, Christovão Ramires, João Leal, João de Asarsa, Thomás de Aristigueta, o alferes Garcia Banegas de Gusmão, os generaes Diogo de Yegros, Francisco Nunes Davalos pedem e requerem se lhes despache a licença e faculdade de com suas armas e a sua custa descobrirem a S. Magestade um novo Potosi, mais rico do que aquelle de que a real corôa goza tão crescidos augmentos. (1)

Naquella época se falava muito sobre as minas de Potosi e a chegada de sua prata para o pagamento dos soldos do exercito era um grande acontecimento, de antemão apregoado na praça e ruas da cidade. As vezes passavam tres annos antes de chegar a prata; explica-se então que procurassem outro Potosi.

Parece que a estes soldados rolava nas veias ainda o sangue dos antigos conquistadores, só com uma differença, que em meiado do seculo 17.º esta linguagem se resente de uma nota de aventureiros que lembram os cavalheiros de industria de nosso tempo. Pergunta-se em que paiz existe tal novo Potosi para ser conquistado? Qual o inimigo a combater, qual o exercito a derrotar?

O citado documento esclarece nossas duvidas dizendo que é nas reducções da Companhia de Jesus que se encontra esse novo Eldorado e que, como estes senhores propalaram por libellos, pelos tribunaes e o mundo, estes padres occultam para seu proveito as ditas minas de ouro. Mas para que então as armas? Disso nos dá outro documento (2) o necessario e inesperado esclarecimento. Nelle lemos que os ditos missionarios, accusados de não só occultarem nas regiões dos rios Paraná e Uruguay as minas, mas ainda de defenderem-nas, de comprarem armas

---

[1] Annexos a la Memoria sobre Cuestion de Limites entre a Republica Argentina y el Paraguay por M. R. Trelles, Buenos Aires, 1867, pag. 64. Vide *A* dos documentos justificativos.

[2] Ibidem, pag. 54.

em cujo uso adextraram os indios, até escolheram um rei para o dito effeito. Este sem duvida devia ser quem recrutassse os itatines para o exercito do Uruguay, levantasse a fortaleza e a guarnecesse de artilharia, canoneando os hespanhoes, segundo a informação «que o mui reverendo frei Jacintho de Jorquera, provincial que foi da sagrada religião de S. Domingos, fez á Audiencia real de Chile».

Seja de passagem lembrado que o mytho do rei jesuitico do seculo 18.º nas Sete Missões teve um predecessor no seculo 17.º, si me não engano até hoje desconhecido.

Voltando aos conquistadores do novo Potosi, temos que dizer que o governador e visitador geral D. André Garavito aceita-lhes com boa sombra o generoso offerecimento, anima-os e offerece-lhes todo o auxilio necessario garantindo-o com sua pessoa, para que ninguem os estorve nem hostilise: Notifica-lhes, porem, que dentro de vinte dias sahissem pessoalmente ao descobrimento das minas, visto que andava aqui empenhado o credito dos religiosos da Companhia de Jesus. Por fim ainda promette-lhes um premio proporcionado a tão grande serviço, que iam prestar á coroa e á patria.

Quem duvidaria de que os nossos cavalheiros quanto antes sahissem á conquista do novo Potosi do Uruguay á qual o governo concedeu não só seu consentimento, mas ainda sua cooperação e promessa de honras e premios? Mas os homens estão mudados nos seus planos. Passaram-se os vinte dias marcados e mais de vinte semanas e nada emprehenderam. Que motivo teriam para um proceder tão pouco coherente? Seriam os receios dos exercitos e canhões do rei do Uruguay?

De outro auto de 19 de Julho, seis mezes mais tarde, collige-se que escusaram-se de deixar a cidade. O governador agora lhes impõe a expedição, ameaçando-os com os castigos da lei, eximindo, porem, o general Diogo de Yegros desta obrigação pela satisfação, que apresentou para o credito e em abono dos missionarios.

Pareciam os proprios descobridores tão pouco convencidos da existencia das minas do ouro que ainda de-

pois de um mez não tinham dado um passo para sua exploração apezar da comminação do governador.

Não deve, pois, admirar que este procedesse contra os fingidos descobridores das chimericas minas que não eram senão injurias e calumnias levantadas aos missionarios da Companhia de Jesus. Devo declarar falsas, «diz D. André Garavito, (1) e de nenhum valor as accusações e calumnias que disseram e affirmaram em seus escriptos... em particular naquelles que se referem á occultação das muitas riquezas e minas... levados da sua paixão espalhando-as em informações e outros instrumentos com tão grande prejuizo e desdouro dos ditos religiosos... enchendo os ditos delatores o mundo e os tribunaes de vãs promessas do descobrimento de um novo mundo de riquezas maiores que as de Potosi... »

Em seguida condemna-os a dar aos missionarios a mais completa satisfação, ao desterro perpetuo e á multa de quinhentos pesos o general Francisco Nunes Davalos e os capitães Melchior Casco de Mendoza, Thomás de Arestiguete. Os mais cumplices foram multados em menos.

Não se sujeitaram os reos a esta sentença do visitador geral, mas interpuzeram appellação; porem o tribunal appellado não deu provimento ao recurso dos appellantes e sustentou a sentença.

Um Auto de 18 de sept. manda outra vez que cumpram com o teor da mesma e que dêm satisfação completa aos religiosos da Companhia de Jesus e ás reducções e que se apresentem no carcere da cidade do Prata.

Por outro de 4 de novembro (de 1651) vemos que não fizeram retractação das calumnias, mostrando-se contumazes e rebeldes aos mandatos da real justiça e que continuavam a repetir as mesmas calumnias.

Em vista deste proceder manda um decreto do visitador geral D. A. Garavito que os supraditos reos, ao serem tirados da prisão em que se acham, para serem levados á barca em que tem que ir a cumprir seu desterro, sejam postos em publica praça e ali em sua presença se

(1) Ibid. pag. 67. Vide *B*, documentos justificativos.

publique e leia a dita sentença ao som de caixa e voz do pregoeiro, para que aqui valha esta diligencia de satisfacção publica, que os reos deviam fazer e dar segundo lhes manda para sua infamia em que tem incorrido como falsos delatores e se restitua aos ditos religiosos mais plenamente sua boa fama e se reconheça sua innocencia.

Que se executou este decreto, attesta um outro documento, que reza assim:

Na cidade da Assumpção a seis dias do mez de novembro de 1651 annos em comprimento do decreto desta outra parte, na praça publica desta cidade, pegada ás casas do cabildo della, onde Francisco Nunes, Melchior Casco de Mendoza e Thomás de Arestigueta estão presos em um calabouço que por meio de grade de ferro dá sahida a dita praça, publicou-se a sentença contida no dito decreto por bocca do negro Miguel em voz alta e com muito concurso de gente. A este acto assistiram o capitão João Fernandez de Cordova, alcaide provincial, o mestre de campo Rodrigo de Rojas Andrada e Lazaro de Ortega Ballejo, alcaide de S Hermandad e outras muitas pessoas...» (1)

Esta foi a terceira vez que se examinou materia tão ruidosa e que autentica e solemnemente foi destruida a lenda do ouro e reconhecida a innocencia dos missionarios.

## A SENTENÇA DEFINITIVA

Parece incrivel, mas é facto: depois de poucos annos a lenda levantou outra vez a cabeça e com tanta apparencia de verdade que a Real Audiencia informou o Conselho das Indias que julgou andar bem avisado enviando um novo visitador ao Paraguay.

Foi em 1657 (2) que a D. Garay e Saavedra go-

---

[1] Ibid. pag. 75, V. *C* e *D*.

[2] Charlevoix [lib. 12] e Southey (cap. 25) erroneamente fazem apparecer no Paraguay o governador e visitador Blasquez Valverde já em 1651. Lozano que trata ex-professo a historia dos governadores e visitadores diz (Conq. lib. III, cap. 13) expressamente que só em 1657 Valverde foi encarregado de sujeitar a uma pesquiza o caso vertente.

vernador do Paraguay succedeu no mesmo cargo o doutor D. João Ant. Blasquez de Valverde. (1)

Este distincto membro da real Audiencia de Charcas partiu revestido dos mesmos titulos que D. André Garavito mas com poderes mais amplos. Foi encarregado de examinar o estado das rendas da corôa nas tres provincias de Tucuman, do Paraguay e do Rio da Prata, a caixa real em Buenos Aires, as missões dos jesuitas, o numero das reducções, quantos religiosos se empregavam nellas, o numero dos indios reduzidos e dos que deviam pagar impostos e sobre tudo averiguar por si mesmo si ou não existiam minas de ouro na região do Uruguay.

O novo denunciante foi um indio de nome Domingos, que se dava por tupi de nação, posto que nasceu em Jaguarão, poucas leguas distante de Assumpção. Nunca deixou este logar senão para entrar no serviço do capitão Christovão Ramirez de Fuenleal, que pouco depois o levou para Tucuman. Partidario declarado de D. Bernardino de Cardenas, tinha este militar emprehendido circumdar com visos de verdade a chimera das minas, com razão tão desacreditadas entre todas as pessoas sensatas, e elle acreditava conseguil-o por meio de seu escravo.

Levou-o a Santiago sem manifestar o seu intento e depois de o ter bem instruido, deu-o de presente ao bispo D. Melchior Maldonado.

O motivo do seu silencio era o ter sido sentenciado por D. Garabito e declarado inhabil para exercer jamais emprego publico e multado em trezentos florins de indemnisação que teve de prestar aos padres da Companhia de Jesus. Tudo quanto tivesse proferido tal homem contra esses religiosos teria ao menos passado por mui suspeito. Foi só tempo depois de entrar no serviço do bispo que começou Domingos a representar o papel, em que seu antigo dono o adestrára.

Reproduziu-se a historia da primeira impostura. Espalhou o indio entre a gente que perto da Conceição, uma das mais antigas reducções do Uruguay, vira tres ri-

(1) Carta ined. de Escandon ao P. Gervasoni.

cas minas de ouro e chegou a apresentar uma planta, que disse ter levantado nos proprios logares. Não tardou em alvorotar a cidade, o magistrado mandou buscal-o e submetteu-o a uma especie de interrogatorio. Sustentou tudo quanto tinha dito e o magistrado fel-o partir para Charcas. Tambem lá, interrogado diversas vezes, persistia em que não proferiu nada que não tivesse visto com seus olhos. Então foi remettido ao visitador geral do Paraguay, D. Blasquez Valverde que foi com elle a Santiago. Apenas chegado o visitador foi chamado a Cordova para tratar de um negocio urgente e proprio para lhe inspirar desconfianças de Domingos.

O secretario de D. B. Cardenas, D. Gabriel de Cueilar, cahira gravemente doente em Cordova e estava desenganado dos medicos. Vendo-se agora no ponto de apparecer perante Deus, obrigaram-no os remorsos de consciencia a fazer aos jesuitas uma reparação judicial de tudo quanto commettera contra elles, quando estava ao serviço do bispo do Paraguay e mandou pedir a D. Blasquez Valverde fizesse o sacrificio de vir recebel-a. O visitador partiu immediatamente e o enfermo apresentou-lhe um escripto (1) assignado por sua mão do qual tiro só o trecho que se refere a nosso assumpto.

Depois de affirmar que o medo das violencias do bispo D. Cardenas o induzira a servir-lhe de secretario e de seu procurador geral contra os padres da Companhia de Jesus, continua: Eu me sujeitei a fazer, dizer, escrever e depôr contra elles quanto queria o dito senhor bispo e o que é mais, a instigar a fazerem o mesmo muitos habitantes da cidade e tudo cegamente e sem examinarem se o que assignavam era verdadeiro ou falso, posto que eu fosse persuadido na minha consciencia que se imputavam a estes padres cousas que nunca praticaram, e que tudo não era senão effeito da paixão do dito senhor: pois quanto se tem dito e escripto, que eram infieis ao rei nosso senhor; que tinham usurpado minas, donde ti-

(1) Vide o texto na sua integra apud. Charlevoix, Hist. de Paraguay, liv. XII.

ravam ouro para envial-o a paizes estrangeiros; que pretendiam subtrahir esta provincia ao dominio de sua magestade; que eram hereticos, schismaticos, perturbadores do socego publico e prejudiciaes ao Estado, tudo isso são mui grandes falsidades, e eu desejava possuir uma voz assáz forte para me fazer ouvir em todo o universo e para destruir as calumnias com que os tinha denegrido».

Esta solemne retractação de pessoa tão autorisada já poude a Valverde dar um prognostico do exito das suas indagações.

Para não demoral-o partiu logo levando em seu sequito o indio; e quanto mais se achegavam ao termo da viagem, tanto mais se gabava este de descobrir as famosas minas de ouro. Mas não intentava com isto outra cousa senão tirar a Blasquez toda a suspeita, para não ser vigiado de perto. De facto quando menos o pensavam, o homem tinha desapparecido.

Não faltou então quem dissesse que os jesuitas o tizeram retirar-se e si o visitador o não acreditava, não deixaram estas falas de excitar-lhe alguma suspeita. O fugitivo tinha que evitar as reducções; mas como não conhecia esta região, que nunca antes pisara, a Providencia permittiu que désse na reducção de Yapeiú onde já havia noticias de sua fuga e o prenderam e conduziram a Conceição onde o esperava o visitador.

Interrogou-o este porque se escapára pela fuga e como não quiz confessal-o, ameaçou-o com a tortura. Foi então que o infeliz se desmascarou. Confessou tudo; que nunca puzera pé nas reducções, quando lhe falavam em minas; que não sabia ler nem escrever; que lhe entregaram a dita planta; que fôra o capitão Fuenleal, seu amo, que por suas promessas e ameaças o compellira a fazer o papel de denunciante dos jesuitas.

O visitador não contente com este resultado da sua inquisição quiz com a planta na mão e em companhia de experimentados mineiros examinar os proprios logares indicados no papel. Os peritos depois de exactas e escrupulosas pesquizas declararam com juramento que naquella região não sómente não existiam minas de ouro, mas que

o terreno nem era proprio para produzir semelhantes metaes.

Apenas estava refutado e reduzido ao silencio o mytho das minas de ouro, quando emergiu outro de esconderem os jesuitas uma mina de prata. Appareceu outra vez um indio que entregou a um religioso residente em Assumpção um pedaço deste metal, affirmando que o encontrara na margem do Uruguay onde os jesuitas lavraram uma mina.

Pouco tempo depois pregando o mesmo religioso em uma igreja, cujo nome o doutor Jarque, que narra este facto, não declina, fez uma digressão sobre as minas que possuiam os padres da Companhia e para provar que não falava sem fundamento, mostrou a seu auditorio o pedaço que lhe offereceram. Até os menos prevenidos contra os jesuitas não sabiam que pensar ao ver esta prova apparente quando se descobriu ter sido a amostra arrancada do pedestal d'uma estatua da Virgem e se verificou que assemelhava-se a muitas outras que tinham vindo das minas do Perú.

Este incidente, diz Charlevoix, não serviu pouco para fazer comprehender a D. Blasquez Valverde que os jesuitas tinham inimigos em todas as classes da sociedade e de quanto elles eram capazes, e sem demorar-se seguiu caminho de Assumpção.

Lá encontrou-o a noticia que o capitão Christ. Ramires de Fuenleal, a triste causa da penosa viagem que acabava de fazer, fallecera depois de ter-se desdito de quanto dissera e fizera contra os jesuitas e de ter-lhes pedido perdão.

Entregaram ao visitador o original da retractação que ajuntou aos outros documentos juridicos, que deviam entrar no processo verbal da visita.

Em seguida pronunciou o visitador a sua sentença proclamando a innocencia dos jesuitas que foram falsamente accusados de possuirem e aproveitarem minas de ouro e condemnando os autores desta calumnia.

Tinha escapado á execução da sentença o capitão hespanhol ao serviço de D. Cardenas pela morte natural,

seu escravo e agente, porem, foi reconduzido para Assumpção, onde foi condemnado a ser açoitado passeando montado num burro pelas ruas da cidade e seguido por um official da policia que a voz alta publicou seu crime, ceremonia esta que teria terminado só na forca, se o reitor do Collegio o não tivesse livrado por sua intercessão, ponderando que o infeliz escravo fôra constrangido por seu amo a fazer tudo quanto fez.

Esta foi a quarta vez que authentica e solemnemente foi destruida a lenda do ouro e reconhecida a innocencia dos padres da Companhia de Jesus.

Eram imaginarias as minas de ouro e não tinham mais ser que na phantasia dos adversarios.

Segundo Techo (1) accrescentaram os autores desta calumnia outra mais grave. Espalharam que os jesuitas estrangeiros tinham enviado remessas de ouro extrahido das margens do Uruguay aos portuguezes e francezes, por meio do qual estes moviam guerra aos hespanhoes. Souberam a esta mentira dar uma apparencia de verdade.

Alguem, disseram, que se achou no exercito da Belgica quando sitiava uma cidade da Picardia, percebeu que os inimigos, apezar de desanimados, saltaram subitamente de alegria.

Suspeitaram no exercito sitiador que os sitiados tivessem tido noticias favoraveis. Indagaram os chefes hespanhoes que poderia ser aquillo e souberam por meio de espias que aos sitiados fora transmittida uma grande somma de ouro para satisfazer os soldos do exercito e continuarem as operações. Perguntaram qual seria a procedencia de taes riquezas, e por certos boatos que circulavam no acampamento chegaram á convicção que vieram da America, traiçoeiramente remettidas do rio Uruguay.

Mas como a fabula do ouro do Uruguay acaba de ser refutada, tambem aquella cahiu por sua base e não poude comprometter a reputação dos missionarios.

---

(1) Hist. de la Prov. del Paraguay, Lib. XIV, cap. 6.

## No seculo decimo oitavo

Disse que as minas de ouro não existiram senão na phantasia dos adversarios. Mas esta não descansou e continuou a scismar pelo correr dos seculos. Creando novas lendas como a da mãe do ouro, que com sua magica influencia percorre a banda oriental (Veja a 1.ª parte), não pode como por encanto fazer nascer minas de ouro, onde antes não houve? Veremos que sim.

Passando dos meiados do seculo dezasete aos do dezoito—não que neste grande intervallo a lenda não tivesse exercido sua influencia, mas para nos ater a factos certos e provados—encontramo-nos com a famosa guerra das Sete Missões mais ou menos na mesma região que já conhecemos.

Dizem que uma das causas que determinaram essa guerra da parte dos portuguezes foram os suppostos thesouros e minas dos jesuitas naquellas reducções. (1)

---

(1) "Idem error lusitanorum in Brasilia animis altissime insederat, qui nostris ad Urugayum flumen missionariis (dicere?) ausi sunt aliquando: Hoc solum omne quod vestris calcatur pedibus, aurum est. Auri spes fuit quæ notissimum Gomes Freire de Andrade flum. Jan. in Brasilia gubernatorem impulit, ut aulæ Ulyssiponensi permutationem Coloniæ ss. sacramenti cum septem Uruguagensibus oppidis persuaderet. Hæc expulsis *32* Quaraniorum millibus eorum incolis, ut superius retuli, Hispanis jam ex pacto tradere volebant sed a lusitanis non fuere acceptata. Hujus rei prtæer alias causa passim vulgabatur in Paraguaria: quod lusitani diligenter nunc inspectis et belli occasione lustratis ad Uruguayum terris nullum prorsus metalli cujuscunque indicium istic deprehenderint, ubi quondam solis nixi suspicionibus aureos montes sibi somniarunt". Dobrizhoffer, Hist. de Abiponibus, P. I, p. *232*. Viennæ 1784.

Concorda Cardiel (Ms. Breve Relacion IV)

"... que los Jesuitas ocultaban éstas minas, que mil vezes buscadas, y alg.ª vez por orden del Gobierno, otras tantas mil no halladas movieron sin embargo los Portugueses al famoso tratado de la Linea Divis.ª que ocasionó la rebellion de los Guaranis de los Siete Pueblos que se debian dar a Portugal en cambio de la Colonia del Sacramento ..... se buscaron con millones de ojos las Minas y nó se hallaron; y el General Gomez Freire, Plenipotenciario de Portugal, nó quiso admitirle y se deshizo el Tratado".

Occupados os sete povos pelos exercitos alliados e evacuados dos seus habitantes poderam os soldados do governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrada, proceder ás desejadas investigações. Uma testemunha ocular nos narra com que avidez pesquizaram por toda a parte o appetecido ouro. Descreve como com as baionetas levantaram os ladrilhos dos corredores e pateos, como esquadrinhavam todas as cacimbas e caixas em que os padres tinham sua agua para conserval-a fresca, como bateram nas paredes das casas sequiosas do amarello metal. Fallaram a toda a hora de minas de ouro encobertas, até na praça examinaram as pequenas pedras que tinham algo de brilho metallico ou micaceo, esforçando os olhos a vêr se não descobriam uns vestigios de pontinhas de ouro.

Não admira a peça que pregou um capitão do exercito hespanhol a um distincto portuguez, vendo os patricios deste tão sedentos de ouro e prata. Soube aquelle capitão que um dos soldados do seu exercito tinha trazido do Perú um pedaço de pedra que continha umas pontinhas de prata da mesma sorte que é frequentemente encontrada naquelle paiz. Sem communicar lhe donde viera, mostrou-a ao portuguez. Ao avistal-a deu saltos de contente e importunou o capitão lhe revelasse onde a encontrára. E logo exprimiu a vontade, depois de entregues as Missões á coroa de Portugal, de pedir como favor especial aquella região.

Para evitar consequencias prejudiciaes a alguem, o official viu-se obrigado a dizer-lhe que moderasse o seu enthusiasmo, visto que a pedra fora achada nas Sete Missões.

Significativo é o gracejo que jogaram ao governador Gomes Freire. Um indio ladino de S. Miguel lhe disse em segredo que o P.e Lourenço Balda, seu parocho, antes que pelos indios rebeldes fosse obrigado a refugiar-se nos bosques, enterrára debaixo do altar mór onze barris de ouro e prata. Logo se apoderaram da pessoa do indio e depois de entrarem na povoação de S. Miguel, o primeiro cuidado dos portuguezes foi correrem e guardarem o altar mór da

igreja com um destacamento de soldados de baionetas alçadas, para que ninguem podesse se approximar do escondido thesouro.

Em seguida procuraram o indio, este porem se tinha azulado (1) para nunca mais apparecer. Os bravos de baioneta alçada na igreja ficaram lá sem o indio e sem os barris de ouro, de todo envergonhados e ainda emcima foram ridiculizados nos diversos circulos do exercito. (2)

Foram os missionarios accusados de haver ensinado aos indios, tão indifferentes ao ouro, que os brancos adoravam-no como seu Deus. Presenciando os indios taes scenas não precisaram ser advertidos a este respeito, quando até nas igrejas, onde só Deus é procurado e adorado, puzeram uma guarda de honra não a Deus mas ao ouro.

E que deviam dizer os simples indios ao encontrarem no campo um sacerdote portuguez segurando uma vara de ferro chamada de condão e os olhos virando para todos os lados pesquizando ouro?

Apezar de todas as sortes de pesquizas que se fizeram nas Sete Missões, nada se achou nem de thesouros nem de minas. Desta vez não foi por uma sentença judicial demonstrada a insubsistencia das accusações levantadas aos jesuitas, mas por um facto que, se possivel fosse, falava ainda mais alto: a invasão e as investigações dos dois exercitos alliados. Officiaes e soldados não pouparam esforços para descobrir a verdade; e descobriram-na: os thesouros e as minas de ouro revelaram-se o que eram, uma lenda. (3)

---

(1) Azular-se é o mesmo que escapulir-se.

(2) Nusdorffer, Schreiben, § 22.

(3) Cardiel (Ms. Breve Relacion IV) referindo-se a Gomes Freire escreveu: "Despues de todo esto son mhos aun delos no vulgares q. estan en q. ay estas minas. Ya dije como el General Portugues de la Linea divisoria afirmaba antes de la expedicion q. de aquelles pueblos sacaban los PP. cada año millon y medio p.s sus colegios. El P. Alonso Fernandez me dice que en Buenos Aires le mostraron una carta de uno de los 4 Coroneles q. llevaba dho General su fecha en el Pueblo de S.ª Angel, escrita a un amigo suio, que le decia: Amigo, hemos venido mui engañados: ya hace tanto tiempo que estamos en estos Pueblos haciendo mhas averiguaciones, y no hay tales minas".

Forçado pela evidencia deste facto, Felix de Azara, conhecido inimigo dos jesuitas, confessa que não possuiram as inculcadas minas de ouro.

«A repugnancia, diz elle, que os missionarios experimentaram, de dar aos hespanhoes entrada nas suas missões, attribuiram alguns á circumstancia de possuirem ricas minas; porem hoje vemos que alli não houve outros thesouros senão a industria e a economia». (1) Tem razão um historiador imparcial dizendo que não poderiam obter os missionarios justificação mais evidente e mais esplendida.

Este facto tão estrondosamente verificado não inhibiu a Sebastião de Carvalho, então conde de Oeiras, mais afamado pelo titulo posterior de marquez de Pombal, de acreditar nas minas ou de fingir assim.

Prova-o um aviso de 21 de nov. de 1759, que o ministro de D. José I dirigiu ao governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire, conde de Bobadella. O officio contem uma ordem emittida contra subditos da corôa da Hespanha e em favor desta; isto é, da alçada do ministerio hespanhol. O empenho com que zela o ministro portuguez os interesses do governo hespanhol é de effeito comico. Começa assim: Ill.º e Excell.º Sr.—Um dos castigos que recebeu da indefectivel e indispensavel justiça de El Rei N. S. a perniciosa Sociedade denominada de Jesus

---

Depois de contar como uns hespanhoes visitaram a igreja do povo da Conceição continúa: Alli (em Buenos Aires) empezaron a exagerar las riquezas del Pueblo de la Concpcion y entre otras cosas decian que por la puerta del Col.º (asi llaman elles a ñra casa) pasaba un arroyo lleno de pepitas de oro, y q. el Cura tenia alli un viejo, q. con cedazo (peneira) sacaba cada dia mha riqueza. Asi me lo afirmo el Notario eccles.º de aquella Ciudad; y dicia q. mhos lo creian firmemente y corria como cosa asentada. Por en el medio de la huerta hay un socavon como zanja por donde corre el agua quando lluve, y en lo domas del tiempo esta sempre seco, y no hay mas. El Pueblo no tenia deudas, pero no era de los mas acomodados. Son aquellas tierras un heruidero de semejantes fabulas".

(1) Bibl. Nac. do Rio. Descripcion del Paraguay, Autographo ined.

por necessaria consequencia de sua total expulsão destes Reinos e seus dominios, foi a de lhe fecharem os portos delles, para não poderem extrahir os grandes thesouros, que accumulam na America hespanhola, senão pelos dous portos de Cadix e Sevilha, manifestando assim á corte de Madrid o que lhe encobrirão até agora, ao favor dos nossos povos do Brasil e do Reino pelos quaes evacuavam clandestinamente os mesmos thesouros sem que dessem nos olhos do ministro hespanhol. E pondo este desenvolvimento de tão grandes cabedaes a mesma sociedade no proximo perigo de ser tambem exterminado por el rei catholico dos dominios de Hespanha vendo as horrorosas usurpações que nelles se lhe faz, pelos authenticos testemunhos dos referidos thesouros transportados».

Foi tão proximo o perigo que aquelle anno queimou-se publicamente em Madrid o pamphleto de Pombal, tão cheio de imposturas como este aviso. Mas não interrompamos com reflexões o aviso que assim continúa:

«Nesta consideração veja bem V. Ex.ª o grande interesse que tem S. M. em vedar inteiramente aos Jesuitas os portos da Colonia, do Rio de S Pedro e da ilha de S.ª Catharina, de sorte que por elles não entre debaixo de nomes suppostos algum cabedal que na realidade pertença aos sobreditos jesuitas. Para que V. E. tome a sua conta fazer legit.as nessa Cidade e na sua presença, com tanto segredo como exactidão, toda a prata ou ouro que vier daquelles portos: 1.º, fazendo exhibir aos interessados naquelles cabedaes as provas das carregações que remetterão, das pessoas a quem as dirigiram para as venderem, do logar onde tiverem consumo, das sommas que produzirão, dos lugares e pessoas onde e de quem os receberão os mesmos metaes etc. 2.º, conferindo V. Ex. verbalmente de plano, sem figura de juizo, nem ordem de processo, que causa dilações, com algum homem de negocio ou pessoa experimentada, da qual faça inteira confiança, e tenha boa informação dos homens de negocio para conhecer a verdade ou fingimento dos papeis que se apresentarem, e dando-lhes juramento de guardarem em um segredo inviolavel o que lhes confiar; e

mandando V. E. sequestrar os bens dos inimigos toda a prata ou ouro que se não legitimar no referido modo.....»

Em seguida vem ainda uma lista de regulamentos vexatorios para os verdadeiros proprietarios.

Se a lenda do ouro dos jesuitas nunca tivesse existido, desta maneira ter-se-ia enraizado na memoria dos homens de commercio vexados por tão molestas fiscalisações. Para que essas vexações? Só para não escaparem os ouros dos jesuitas Que facinoras .e que ricaços! E tudo isso não foi senão comedia, diabolica comedia.

## No seculo decimo nono

A lenda do ouro transpõe o seculo 18.º e chega até os nossos dias. Não são romancistas, mas escriptores serios, que com pretenção de graves historiadores a fazem reviver com visos de facto historico. (1)

E' o historiador Pedro Taques que em 1849 repete as accusações dos seculos passados tantas vezes refutadas. «Não foram, diz elle, só os Paulistas que receberam ingratidões dos jesuitas . . . »

(1) Si não com pretenção de historiador ao menos com a de fonte historica offereceu um certo Thomaz da Costa Corrêa ao conde de Linhares uma memoria sobre os guaranis das Sete Missões, a qual publicou a Revista do Inst. Hist. Brasileiro em 1840. "E' certo que elles (os jesuitas), abusando da nimia credulidade dos Indios, os persuadirão de muitas superstições, das quaes ainda hoje restão monumentos. Tiravam v. gr. ouro, e conduzindo-o em procissão para a igreja, fazião orações e bençãos: e de noite tirando o ouro dos saccos, o substituião com veronicas de latão, e persuadião aos Indios que, por effeito das orações e bençãos, Deus tinha feito o milagre de converter aquelle metal em veronicas para objecto de sua veneração.....

O ouro tirava-se; porem nenhum quer mostrar o logar daquelle serviço, ainda que independente da accusação dos Indios, me persuado não ser difficil achar um ou muitos pontos daquella provincia (das Missões)... que com vantagem possão entreter consideravel numero de mineiros". Sendo tão facil, especialmente a este director nas Missões, de achar uma e mais minas, é quasi inexplicavel como deixou-se escapar esta bella occasião de conseguir o que milhares antes, apezar de repetidos esforços, não conseguiram e como teve tão pouco patriotismo privando seu paiz de uma tão importante fonte de riquezas.

Em seguida fala da expulsão delles pelo bispo D. Cardenas e accrescenta . . . «executada por gravissimas culpas.»

«Clamaram, continúa Taques, contra os jesuitas no anno de 1648 os alcaides ordinarios da cidade de Assumpção, Diego de Yegros, Melchior Cano de Mendoza, João Valheiro de Ville Santicos, regedores do dito anno, e informaram ao bispo governador de varias culpas em que estavam incursos os jesuitas daquella provincia. Não eram menos que affirmarem que os ditos jesuitas por traidores ao rei mereceram a morte, por schismaticos, anglicanos ser desterrados daquella provincia, por herejes pregadores ser queimados, por *usurpadores do ouro* e quintas reaes serem destituidos de todos os seus bens.» E mais adiante: «Alem destes horrorosos crimes faziam elles concursos (incursos nas?) as culpas de *terem minas de ouro, defraudando os quintos reaes* e a força de commercio enriqueciam com ouro os inimigos da corôa de Hespanha. (1)

O leitor se lembrará tanto daquelles homens Diego de Yegros e Melchior Cano de Mendoza, que ouviram em praça publica a condemnação de suas calumnias, como dos processos feitos a outros calumniadores dos jesuitas.

Como fica mesquinho o historiador que assim escreve historia, quando acareado com os inilludiveis documentos, que resuscitam da poeira secular como outros tantos juizes inexoraveis!

Mas essas inverdades continuam a deslustrar a historia, como podemos observal-o, por ex. nas annotações que fez o conego Fernandes Pinheiro á Historia do Brasil por Southey.

Este em frente das provas convincentes da não existencia das minas do ouro sustenta sua realidade. Quando, porem, lhe perguntamos o logar ou a região destas minas, procura escapar-nos com esta evasiva: «ignorando-se, porem, hoje onde estejam ellas situadas, ou porque os jesuitas as houvessem cuidadosamente occultado, ou porque a proverbial inercia dos seus successores fizessem perder o

(1) Rev. do Inst. Hist. Brasil. t. XII, p. 37.

vestigio.» (1) Já não é a razão quem aqui fala, é como um instincto ou antes sina que, se não é producto do meio em que vivem os mythos da *mãe do ouro* e do *teynyaguá*, deve-se referir a elles.

Copiam-se estes mythos e repetem-se sem criterio por taes que dizem que escrevem historias, como a Historia da Republica Jesuitica do Paraguay pelo conego J. Pedro Gay, (2) onde se lê o por vezes citado trecho: «Nos arrabaldes do povo de S. Lourenço existe um buraco entupido conhecido pelo nome de Quarepoti (buraco de prata) onde por *tradição se diz* (3) que os Jesuitas tiraram prata. E no de S. João *ha indicios* (4) de ter-se tirado ouro abaixo do arroio do Moinho». E mais adiante: «*Asseguram* (5) que nas visinhanças do povo de Corpus sobre o Paraná ha ouro com abundancia. Conheci um indio velho que me assegurou ter ajudado seu pai a extrahir ouro em seu territorio perto de Corpus.» Não seria o neto de um dos indios Boaventura ou Domingos,que já conhecemos? Esses se diz,—ha indios, asseguram—quem? um velho, uma velha india que ouviu de outro ou outra etc. são provas dos taes historiadores, as quaes, em frente dos factos e dos documentos acima tratados se desfazem como nevoas diante do sol.

Que viajantes copiem os taes historiadores se explica, si tambem não se desculpa. Que, porem, um orgão que de scientifico se preza—*Petermanns Mitteilungen* (6)—incorpore nos seus doutos volumes a tal lenda das minas, dando-a por facto historico, é somente para lastimar. Para que não julguem que esteja só com minha opinião (que é aliás a dos historiadores criticos europeos de todas as matizes) tambem direi como me interpellou a respeito do trabalho de Max Beschoren na citada revista Petermanns Mittei-

(1) Southey, Hist. do Brasil, cap. 25.
(2) Rev. do Inst. Hist. Brasil. tom. 26.
(3) O grypho é nosso.
(4) O grypho é nosso.
(5) O grypho é nosso.
(6) Ergaenzungshaft N. 96. Gotha 1889.

lungen uma autoridade na historia do antigo Paraguay. Referindo-se á parte historica do numero 96, qualifica-a de romance, exprimindo sua admiração e prognosticando o desprestigio, que taes collaborações acarretariam áquelle instituto scientifico.

O bibliothecario d'uma daquellas ricas bibliothecas de Buenos Aires já pensava em suspender a assignatura da dita revista allemã.

E' o caso de dizer com o philosopho Kant:

«In allen unseren Untersuchungen mussen wir vor Allem auf die Quellen achten» (Em todas as nossas investigações devemos antes de tudo examinar as fontes).

A critica historica zomba hoje daquellas fabulas de ouro.

Perto das cataractas de Guayra existe uma penha outrora celeberrima entre os primeiros conquistadores e a que chamavam por antiphrase penha pobre, porque entendiam que era de metal riquissimo. E como a fama vulta as cousas, passou entre os que a não viram, a ser toda de ouro.

Por muito tempo, diz Lozano, foi ella alvo dos desejos dos governadores querendo enriquecer-se de uma vez. Mas andando em guerra os indios de Paraná, ao passo que com a privação cresceram os desejos, diminuiu a esperança de possuir tão exorbitante riqueza. Pacificou-se o Paraná com a sua evangelisação e então a experiencia offereceu aos olhos o desengano de tão phantastica invenção, reconhendo se que a chamada penha pobre, o é em verdade, uma pedra pura e rocha ordinaria, ainda que offereça immenso thesouro a sua apparencia; porque, sendo muito lisa, como marmore polido, pela periodica acção das inundações, reverbera como um espelho os raios do sol.

E' esta a sorte dos que sempre inculcam as riquezas e minas de ouro do rio Uruguay. Sonham com montes de ouro e exaltam os seus valores e o fim de tudo é um ridiculo engano. Lembram o mesquinho parto da montanha de que falla o poeta romano.

## Documentos justificativos

A) En la ciudad de la Asuncion á diez dias del mes de enero de mil y seis cientos y cincuenta y un años el Señor Lisenciado D. Andres Garavito de Leon, del orden de Santiago, Oidor de la Real Audiencia de la Plata, visitador general de su distrito; habiendo visto estos autos y que del pedimiento del Padre Procurador General de la Compañia de Jesus, se manda dar noticia á los interesados para que supiesen el estado que tenian y les parece el perjuicio que hubiere lugar de derecho, lo cual se le notificó en ocho de Noviembro de año pasado de seiscientos y sincuenta y hasta ahora no han dicho ni alegado cosa en órden á esta causa, con ser la demás cantidad que puede ofrecerse y bien ajustada para con los dichos interesados para los empeños que han hecho en materia del oro... que se oculta en dichas reducciones con actos germinados repetidamente de informes y respuestas y otros escritos que Su Merced ha reconocido y mandado poner en otra causa, fuera de lo de que en ella tan firmemente se asevera en testimonio de la verdad que contiene como es de pensar y creer la han de tratar los vasallos y mas titulo de fidelidad y servicio á Su Rey y Señor Natural, pues lo contrario seria como delito á manera de traicion, por lo cual mando que en conformidad del pedimiento que dieron Melchor Casco de Mendoza, Cristoval Ramirez, Juan Leal, Juan de Asarsa, Garcia Banegas de Guzman, firmando otro con los susodichos Diego de Yegros e Tomas de Aristigueta, y Francisco Nuñez Davalos ante el Gobernador D. Diego de Escobar Osorio que están á fojas cinco y once, pidiendo se despachase lisencia y facultad pera que con sus armas y á su costa descubiesen á Su Majestad un nuevo Potosi, y mas rico de que gosa la real corona tan crecidos aumentos y sus vasallos, de que hicieron informes al Exelentisimo Señor Virey de estos Reinos y Real Audiencia de la Plata de que resultó habersele dado a Su Merced por particular instruccion este cargo, y cumpliendo con lo que é tan preciso de su obligacion y puesto, y huyendo de tan-

tas conveniencias hallar en que poner pié fijo en negocio que habla hoy preso en solo relaciones con que á sus vueltas han informado con injurias y libellos famosos el credito y procéder de los dichos religiosos de la dicha Compañía de Jesus, con la ocultacion de ricas minas y provecho que sacan de ellas, se les notifique á los susodichos se aperciban dentro de veinte dias á salir personalmente al descubrimiento de las dichas minas que para que lo hagan con entera seguridad Su Merced ofrece darles toda asistencia y ayuda necesaria, sin perdonar costa, trabajo ni diligencia y sin que se les ponga por delante estorvo ni riesgo alguno, porque asegura por su persona la Real palabra de que se les hallanará todo á trueque de que se consiga tan gran riqueza, fuera de las mercedes y honras que Su Magestad (Dios le guarde) hará em recompensa de servicio tan señalado como lo será poder socorrer sus armas en defensa de la fé y castigo de los rebeldes y en lo que á Su Merced tocare sobre las causas pendientes contra los susodichos se habrirá puerta, no solo para conseguir la liberacion pero un gran premio; Y lo firmó—Lisenciado D. Andres Garavito de Leon—Ante mi Pedro de Salas, Escribano de Su Magestad.

B) En la causa que se ha seguido á pedimiento y por querella del Padre Juan Antonio Manquiano, Procurador General del Colegio de la Compañía de Jesus de esta ciudad y demas religiosos de las reducciones, que tienen á su cargo, sobre las injurias y calumnias que le han dicho é impuesto el General Francisco Nuñez de Abalos, General Diego de Yegros, Capitan Melchor Casco de Mendoza, Thomas de Arestigueta y el Alferes Garcia Banegas de Guzman contra los religiosos dichos y en particular sobre imputarles la ocultacion de las muchas riquesas y minas de cuanto han gozado y gozan los dichos religiosos en las reducciones de su cargo sin que Su Majestad tenga la parte que le toca como se dieron á pensar llevados de su pasion esparciendola en informes y otros instrumentos con tan grande dispendio y deshonor de dichos religiosos, notánles en lo mas sagrado de su instituto y ajustado proceder cual fué la accusasion en al

confianza que deben y profezan como fieles ministros y obreros del evangelio y leales vasallos de Su Magestad, hinchiendo los dichos delatores el mundo y tribunales de vanas promesas con el descubrimiento dentro (de un?) nuevo mundo de mayores riquezas que las de Potosí con su espulsion cuyas noticias encaminadas este areadus hasta el Real Consejo obligó á despachar la órden mandada poner en los autos que para que averiguasen de raiz, bien de ponderar á lo que los empeñô la condicion de sus animos endurecidos, pasado siempre adelante en el mal hasta enpeñarse sin ningun temor ni escrúpulo de que diesen en vacio sus palabras y prometimientos de que están bastantemente convencidos por los medios y diligencias con que se ha procurado encaminarlos al cumplimiento de todo y aunque para satisfacion cabal y debida á dichos religiosos bastava haber negado los susodichos que en ningun escrito se hallera haber dicho ni firmado que labran oro ni que lo sacan con lo demas que refieren en sus peticiones, pues es lo mismo que haber retratado en juicio todo lo antecedente, todavia porque no les aya salido tan devalde el tiro qúe pretendieron hacer teniendo suspensos los tribunales superiores, les condeno á que la dén mas complida por instrumento público estando ciertos de las palabras y cláusulas de dichas dos peticiones y otros escritos en que afirman con voluntad deliverada que los dichos religiosos han gozado y gozan y se han hecho ricos poderosos con las riquesas y minas ocultando la parte que toca á Su Magestad, en que aincadamente y con tesón lo repiten sin poderse acomodar á otro sentido por el uso comun de entenderse sirviendo las palabras de ocultacion y minàs á las de oro y plata, pues de otro genero aun que es la parte que le pudiera tocar y la que los dichos reos acusan en sus libelos que no se mandan quemar como los decretos de los cabildos de los años de seiscientos y cuarenta y ocho y seiscientos y quarenta y nuevo en que se envolvieron las mismas injurias, porque los vean y reconozcan la Real Audiencia de la Plata y Supremo Consejo de Indias donde se ha de remitir la causa por informe y desengano del remate que tuvo el tesoro prometido, mas

condeno á los dichos Francisco Nuñez de Abalos, Melchor Casco de Mendoza, Tomas Arestigueta en destierro perpetuo de estas Provincias del Paraguay y Rio de la Plata y Tucuman y en quinientos pesos ensayados á cada uno para la Cámara de Su Magestad en que los mancomuno aplicando la parte que de ellos se cobrare para salarios de officiales y mi ayuda de costa, y atento que Garcia Banegas firmó solamente la peticion de fojas sesta, ofreciendo á su costa el ir al descubrimiento de las minas y no las de fojas trece en que desmedidamente se desenfrenaron contra el dicho P. Procurador General y religiosos de este colejio y reducciones y de todas las calumnias que en dichos cabildos y otros instrumentos afirmó, dió satisfaccion por escrito que está con otras en los autos por prueba mas ajustada de la ignocencia de dichos religiosos y convencimiento de los delatores y en haber y en averse escusado de cumplir lo que ofreció mostró la misma facildad con que removió á ello, le condeno en dos años de destierro y en doscientos pesos ensayados con la misma aplicacion y al dicho y á los que tienen vecindad, en suspencion de ello por cuatro años, que cumplan los indios mingandose los sesenta dias de su taza por cuenta del tesorero de la Real Audiencia de su Magestad de que se hará cargo, quedando lo demas del tiempo libre como lo están los indios segun la ordenanza para concertarse á su voluntad *como quiera que es crimen á manera de traicion no tratar verdad el Vasallo al Señor Directo del feudo en materia tan grave* y ofrecer sin necesidad descubrimiento de otro nuevo Potosi que ni convidados con el premio ni apercibidos con apremio por su obligacion han querido dar traza de salir y menos revelar en secreto el sitio de dichas minas y labores aunque se les ha franqueado el paso y empeñado la palabra real para desvanecerle los temores que igualmente sospecharon con las riquezas y minerales. Y absuelvo á Diego de Yegros por la satisfaccion que á dado y no haber firmado la peticion del ofrecimiento y otros destos autos. Y en quanto á la informacion que hizo Cristoval Ramirez Fuen Leal por comision de Reverendisimo Señor Obispo Don Frag

Bernardino de Cárdenas siendo *Gobernador en que juntaron de avenida y tropel las calumnias que en diversos papeles se habian derramado* y sobre que cayeron las sentencias en la causa de oficio contra los capitulares de dichos años de cuarenta y ocho y cuarenta y nueve y en la de la demanda por la reserva de los daños que se acumuló á esta por segundo caderno *las declaro de nuevo siendo necesario por falsas y de ningun valor y efecto* y por la satisfaccion que de todas ellas dió en vida por instrumento público el dicho Cristoval Ramirez, habiendo ya muerto, quedó en cuanto á penas estinguido todo, reservando al dicho Padre Procurador General su derecho á salvo para á que ocurra donde mas le convenga sobre haberse procesado contra esentas, y asi mismo el informar á Su Magestad de la causa por que los indios del Paraná no tributan como los demas de esta provincia, sin embargo de constar por las cedulas presentadas en los autos del dicho Padre Procurador General haberseles prorrogado por otros diez años mas que no paguen tributos, habiendose de encomendar en su corona, que es el segundo punto que por la nueva orden encarga se averigüe y en que lo haré mas de proposito de resultas de la visita que estoi haciendo y he de hacer conviniendo en todas las reducciones y por esta mi sentencia difinitiva juzgando asi lo pronuncio y mando con costas a tasacion — Licenciado Don Andres Garavito de Leon.

Pronunciacion—En la ciudad de la Asuncion en diez y nueve dias del mes de Agosto de mil y seis cientos y cincuenta y un años estando en audiencia pública el Señor Lisenciado Don Andres Garavito de Leon, del orden de Santiago, Oidor de la Real Audiencia de la Plata, Visitador General de su distrito dió y pronunció esta sentencia, siendo testigos Baltazar Nuñez, Juan Alegre y Tomas de Salas—Ante mi—Pedro de Salas, Escribano de Su Magestad.

c) El Alferes Garcia Banegas de Guzman, vecino feudatario en esta ciudad de la Asuncion, en aquella via y forma que mas haya lugar en derecho ante Vuestra Señoria paresco y digo: que yo tengo dada satisfaccion á

los Religiosos de la Compañia de Jesus, en razon de las calumnias que se lhes han opuesto por los enemigos del Reverendo Señor O bispo Don Frag Bernardino de Cardenas les cobró, y como regidor del año de cuarenta y ocho firmé algunos cabildos, poderes y instrucciones y en razon del oro y otras riquesas que han querido decir hai en las Provincias del Paraná y Uruguay, e por que debo el camino cierto de mi salvacion y en todo tiempo que religion tan conocida de virtud por mi ocasion no padesca ninguna de las dichas calumnias, apruebo y ratifico la dicha satisfaccion que tengo dada y siendo necesario retracto todo lo que en las dichas calumnias hubiere dicho y firmado, por todo lo cual á Vuestra Señoria pido y suplico admita esta satisfaccion y de ella se dé traslado á los dichos religiosos para que en su conformidad si hubiere incurrido en alguna escomunion con su consentimiento sea absuelto de ella, pido justicia—Garcia Banegas de Guzman.

D) Decreto—Sin embargo que en los autos está vastantemente satisfecho y desvanecida la calumnia de los reos y que para que diesen mas cumplida satisfaccion como por la sentencia se mandó, Su Merced les ha hecho diferentes apercivimientos y agravado las penas y priciones sin haberse reducido á hacer por escrito y parecia que pasar á otra diligencia estaba demas calificada por falsa calumnia, convencidos por sus mismos escritos y otros instrumentos que es el mas seguro testimonio de la ignosencia do los dichos religiosos, todavia en gracia de los bien intencionados y que si en algunos á quedado de bajo de velo y encubierta esta verdad por injurias de los tiempos para que se destierre cualquier rastro de ignorancia, mando que se publique la dicha sentencia á toque de caja en la plaza pública de esta ciudad, al tiempo que los dichos reos los saquen del calabozo donde estan para entregarlos en la barca y el presente escribano lo ponga por testimonio en los autos y lo proveyó.

En la ciudad de la Asuncion á cuatro dias del mes de Noviembre de mil y seis cientos y cincuenta y un años, el Señor Don Andres Garavito de Leon del Orden de San-

tiago, Oidor de la Real Audiencia de la Plata, Visitador General de su distrito proveyó y rubricó el decreto de atras, ante mi—Pedro de Salas, Escribano de Su Magestad.

En la ciudad de la Asuncion á seis dias del mes de Noviembre de mil y seis cientos sincuenta y un años, en cumplimiento del decreto desta otra parte, en la plaza pública, de esta ciudad pegado á las casas de cabildo de ella, donde estan presos Francisco Nuñez, Melchor Casco de Mendoza y Tomas de Arestigueta, en un calabozo, en altas voces en mucho concurso de jente se publicó la sentencia conteuida en el dicho decreto como en ella se contiene á lo cual asistió el Capitan Juan Fernandez de Córdona, alcalde provincial y el Maestro de Campo Rodrigo de Rojas Andrada y Lozano de Ortega Ballejo, alcalde de la Santa Hermandad, y otras muchas personas, de ello doi fé—Pedro de Salas, Escribano de su Magestad.

*Mandamiento de ejecucion.*—Alguacil Mayor de esta ciudad, haced ejecucion en las personas y bienes del Alferes General Juan de Ballejo, el moro, por seiscientos pesos de plata acuñada, y en la del Sargento Mayor Tomas de Agala y en los herederos del Capitan Cristoval Ramirez, a cada uno por cuatrocientos pesos de la dicha plata, que por sentencia definitiva por mi pronunciada fueron condenados, y mas al dicho Juan de Ballejo tres mil doscientos cuarenta y un pesos moneda un real y veinte maravedis que le tocaron en la prorrata de los daños de los ganados mayores y menores, partos y pospartos que por los tasadores y contador nombrado para la dicha liquidacion consta tocarle, y á los dichos Tomas de Agala y herederos de Cristoval Ramirez á cada uno dos mil cientos y sesenta pesos seis reales y trece maravediz que les tocó por los dichos daños y prorrata y a cada uno de los susodichos por la cantidad en que fueron condenados en la dicha sentencia y cada uno de ellos por el todo por estar mancomunados en ella: y en las personas y bienes del Maestro del Campo Juan de Ballejo, el viejo, General Diego de Yegros, Alferes Don Luis de Cespedes, y Garcia Banegas de Guzman, cada uno de ellos por ciento y cincuenta pesos en que por la dicha sentencia fue-

ron condenados y a cada uno por el todo por la dicha mancomunidad y por mas ocho cientos y diez pesos dos reales y trece maravediz, a cada una que les toca por los dichos daños como parece por la dicha tasacion de ganado y prorrata del, y en las personas y bienes del Capitan Melchor Casco de Mendoza, Joseph de Encinas, Andres Benitez, Pedro Antonio Aquino, Melchor de Pucheta, Manuel de Villa Lovos, Diego Hernandez, Diego Jimenez de Vargas, Juan Riquel, Francisco de Aquino, Juan de Cáceres, Garcia de Taredes a cada uno por doscientos y cincuenta pesos en que por la dicha sentencia fueron condenados, y á cada uno por el todo por la dicha mancomunidad, y asi mismo á cada uno de los susodichos, por mil trescientos y cincuenta pesos y cuatro reales de plata que les tocó por la dicha cuenta de daños, como consta por la prorrata, la cual ejecucion haced conforme á derecho y estilo de esta Audiencia; fecho en la ciudad de la Asuncion á dos dias del mes de Enero de mil y seiscientos y cincuenta y dos años—Don Andres Garavito de Leon. Por mandado del Señor Oidor Visitador Gobernador—Pedro de Salas, Escribano de Su Magestad.

Rio Grande, Novembro de 1910.

C. Teschauer, S. J.